

EMOÇÕES E CORRUPÇÃO

EMOTIONS AND CORRUPTION

Tiago Martins Ramos da Silva
UNIGRANRIO/ Fiocruz
tiagomartins.fiocruz@gmail.com

Aprovado em 04/2023

Resumo

Este trabalho tem como objetivo identificar dentro do campo acadêmico estudos que envolvam emoções e corrupção, analisando uma possível emergência destes assuntos nos estudos organizacionais. Através de uma pesquisa bibliográfica utilizando as principais bases de dados científicas, foi possível encontrar obras interessantes em que emoções e corrupção conversam, porém o caminho a ser percorrido ainda é longo.

Palavras-chave: emoções; corrupção; estudos organizacionais

Abstract

The objective of this work is to identify studies involving emotions and corruption in the academic field, analyzing a possible emergence of these issues in organizational studies. Through a bibliographical research using important scientific databases, it was possible to find interesting studies in which emotions and corruption are together, but the road to be covered is still long.

Keywords: *emotions; corruption; organizational studies*

1 INTRODUÇÃO

No campo acadêmico, corrupção e emoções são temas que ganharam grande destaque nos últimos anos. O primeiro, é alvo de imensa repercussão na mídia, não só do Brasil como do mundo, devido a intensidade das prisões e condenações de pessoas que até então, pareciam intocáveis. Escândalos midiáticos como a operação lava-jato e anteriormente, o mensalão, chamaram atenção não somente da sociedade como um todo, mas também de pesquisadores que buscam compreender a corrupção como um fenômeno social.

As emoções ganharam protagonismo por razões opostas, mas não menos importantes. A necessidade de entender melhor os fenômenos e comportamentos sociais, que até então tinham um foco mais voltado para racionalidade, aclama por uma abertura de paradigma. As emoções, no nível da sociologia e da antropologia, tem destaque recente no Brasil, ganhando força a partir dos anos 90 (Koury, 2013).

Como andam os estudos sobre corrupção e emoções? Eles conversam? Interagem? Tentando responder essas questões, este trabalho tem como objetivo investigar como a academia tem relacionado ambos os assuntos, de modo a compreender as lacunas existentes e os caminhos que ainda poderão ser percorridos. O capítulo seguinte faz um breve histórico dos estudos sobre corrupção. Em seguida, é abordado o panorama

das emoções no campo acadêmico. A metodologia então é apresentada e por conseguinte, os resultados são expostos. Por fim, a conclusão fecha o trabalho com reflexões sobre os resultados encontrados.

2 ESTUDOS SOBRE CORRUPÇÃO

A corrupção é um fenômeno social que não é uma novidade e tem presença cativa em todo o mundo. Estudos mostram que o a prática é antiga: Huang (1974), por exemplo, examina a emergência da corrupção na China durante o século XIV. Segundo Mishra (2006), evidências de suborno e punições contra a prática podem ser encontrados em peças históricas como o código de Hamurabi (Babilônia, século XXII a.c.) e os escritos de Haremhab (Egito, século XIV a.c.), evidenciando que o problema tem raízes históricas profundas. No Brasil, a presença da corrupção também segue esse mesmo caminho: Carvalho (2008) e Pinto (2011), salientam a relação do brasileiro, ao longo da história, com a corrupção e outras práticas desviantes, como o nepotismo e o clientelismo.

No campo acadêmico, os estudos sobre corrupção aumentaram significativamente nos últimos anos. Segundo Marani et al (2018), no início de 2000 publicava-se, anualmente, cerca de 1570 artigos científicos sobre o tema, passando para quase 3000 no ano de 2015. Os trabalhos envolvendo corrupção no Brasil e no mundo revelam que o tema é amplo e pode oferecer diferentes enfoques e perspectivas. Muitos trabalhos buscam compreender o significado da palavra e chegar a um conceito sobre corrupção. Entretanto, a maioria revela a dificuldade de se chegar a um ponto em comum, como os trabalhos de Carvalho (2008) e Williams (1999). Segundo Brei (1996), “As maiores divergências entre os vários autores que já se dedicaram ao estudo da corrupção surgem da falta de consenso quanto à conceituação do que seja uma ação corrupta.” Cardoso et al (2014) bebe da definição do Banco Mundial, onde corrupção é o abuso do poder público em benefício próprio. Santos et al (2013) utilizou o conceito de corrupção como

uma relação social, de caráter ilegal, que se estabelece entre dois agentes ou dois grupos de agentes, cujo objetivo é a transferência de renda dentro da sociedade ou do fundo público para fins estritamente privados. Note aqui que o autor ampliou o conceito de corrupção, admitindo-o também no setor privado. Existem autores também que desenvolveram conceitos mais específicos de corrupção, como Ferreira et al (2016), que nomeou corrupção generalizada como aquela difundida em todos os departamentos de uma organização e absolutamente institucionalizada. Já corrupção arbitrária, o autor conceituou como aquela que ocorre de forma desorganizada, como funcionários que solicitam subornos de forma independente dos demais.

Além da busca por definição e conceito, outros trabalhos acadêmicos enfocam a análise na busca por compreender os efeitos, o controle e as causas da corrupção. Nos parágrafos seguintes faremos um breve resumo sobre cada um desses temas.

Na busca por compreender os efeitos da corrupção na sociedade, Miari et al (2015), analisou os efeitos da corrupção no mercado de ações. Nessa mesma linha de pesquisa, Ferreira et al (2016) avaliou o impacto da corrupção no investimento estrangeiro direto – IED em empresas situadas no país receptor e de origem. Há autores que destacam efeitos positivos da corrupção em países onde as instituições são consideradas por eles como extremamente ineficazes, como o trabalho de Méon e Weill (2010).

Estudos abordando formas de controle da corrupção ganharam mais destaque no início dos anos 90, conforme relata Santos et al (2013):

A nova proposta de pesquisa baseia-se não somente na identificação dos problemas que a corrupção pode causar, como também pretende buscar estratégias para solucionar ou mitigar os atos corruptos e suas consequências. As abordagens valorizam: medidas educativas e punitivas, direcionando o enfoque para os incentivos positivos e

negativos que afetam o indivíduo; a busca por resultados por meio de reformas no sistema político e econômico; identificar causas estruturais ou institucionais da corrupção (SPECK, 2000).

Ao tentar encontrar formas de controle da corrupção, merece destaque os trabalhos de Klitgaard (1994) e de Anechiarico e Jacobs (1998), onde ambos procuram analisar políticas e métodos de combater a corrupção, utilizando, inclusive, exemplos de casos reais.

Apesar da existência de muitos trabalhos buscando identificar o conceito e os efeitos da corrupção, a busca pelas causas ganha mais ênfase no campo. Por que a corrupção ocorre? Esta é uma pergunta que, apesar de simples e direta, apresenta uma enorme dificuldade de resposta. Os trabalhos sobre o tema buscam explicar o fenômeno de diversas maneiras, entretanto sem alcançar uma resposta convergente. Trabalhos como o de De Graaf e Huberts (2008) associam a corrupção à busca por ganhos materiais, entre outras explicações; Roman e Miller (2014) tentam explicar através da necessidade de status e poder; Wang-Sheng Lee e Cahit Guven (2013), Bin Dong Uwe, Dulleck e Benno Torgler (2011) defendem a ocorrência da corrupção pelo contágio cultural, onde funcionários mais antigos contaminam os mais novos e os incentivam a perpetuar a prática. Husted (1999) associa a prática de corrupção ao alto grau de masculinidade no ambiente.

Considerando toda variedade de estudos sobre a corrupção, englobando causas, efeitos, formas de controle e conceituação, o campo ainda parece caminhar por variadas direções, sem algum sinal de coesão. Para Marani et al (2018):

os resultados evidenciam que as preocupações existentes na pesquisa científica dão origem a sentidos da pesquisa sobre corrupção que são introdutórios, conceituais e fenomenológicos, paradigmáticos, e que dizem respeito, ainda, a percepção, causas, efeitos da corrupção, ou a seu controle e modo de apresentação pela

mídia. Esses sentidos atraem a atenção dos estudiosos de maneira assimétrica. Do parco ou quase inexistente número de artigos dedicados exclusivamente à revisão de literatura sobre a corrupção até a infinidade de textos que atacam suas causas, efeitos e percepção, o tema é abordado com interesses diferentes no meio acadêmico.

Torsello e Venard (2015) criticam os estudos sobre corrupção e os qualificam como “isolados”. Nesse sentido, os autores destacam a necessidade de buscar parcerias com outros campos da sociologia e da antropologia. Segundo Judge et al (2011) tradução nossa:

Infelizmente, essa literatura multidisciplinar bastante ampla e crescente não levou a insights mais profundos e entendimento interdisciplinar devido a: (1) a natureza geralmente ateorica deste trabalho, (2) a falha em olhar para fora das lentes disciplinares (3) os diferentes esquemas de medição utilizados e (4) a falha em acumular resultados entre os estudos.

Clamando por uma necessidade de ouvir novos campos e na busca por um agrupamento possível de ideias sobre o tema, o estudo sobre as emoções pode fornecer uma ajuda no esforço de alcançar esses objetivos. Em seguida, falaremos mais sobre o estudo das emoções no campo organizacional, destacando sua relevância, pontos positivos e negativos.

3 ESTUDOS SOBRE EMOÇÕES

Assim como a corrupção, o campo de estudos sobre emoções apresenta dificuldades em conceituar o termo. Epstein (1980), define a emoção como uma síndrome socialmente construída, baseada na percepção do indivíduo sobre a situação. Fridja (2004), na mesma linha de raciocínio, conceitua emoção como um processo que envolve a avaliação do indivíduo em uma situação vivida, implicando em sua aceitação ou não, gerando reações distintas. Para Bagozzi et al

(1999), emoções são estados mentais de disponibilidade imediata que surgem da avaliação não somente de um evento, mas também de um pensamento.

Caminhando em um sentido oposto, Russell e Lemay (2000), salientam que o conceito não possui fronteiras claras de distinção, uma vez que uma mesma emoção pode ser sentida por indivíduos em contextos diferentes. Além disso, os próprios indivíduos podem se confundir ao identificar uma emoção.

Além da busca por definições, diversos trabalhos procuraram classificar as emoções, assim como mensurar sua intensidade. Para Machado (2009):

A percepção emocional pode variar em intensidade. Assim, os níveis mais baixos correspondem às primeiras sensações motoras e percepções corporais. Em um estágio senso motor mais avançado, a pessoa tem percepção da tendência à ação. Em seguida, ocorre a percepção da emoção, de forma distinta e a operação concreta, quando o indivíduo percebe a emoção e simultaneamente o seu oposto. O último estágio é quando o indivíduo percebe a diferença entre a própria reação emocional e a de outras pessoas.

Muitos autores também buscaram separar as emoções em classes. É o que fizeram Davel e Machado (2001), ao classificar as emoções em positivas e negativas. Lewis et al (2001) também classificaram as emoções em Impulsivas, Conflituosas e Transcendentais. As classificações permitem uma melhor avaliação das emoções, assim como ajudam a identificar as distinções entre os sentimentos e suas formas de exposição.

Se focarmos no campo organizacional, diversos trabalhos ganharam destaque no estudo das emoções, contribuindo de forma significativa para sua compreensão. Um dos trabalhos seminais no campo, é o estudo de Hochschild (1983), no qual a autora analisa o gerenciamento das emoções em uma empresa aérea, mais especificamente das aeromoças. Este trabalho trouxe conceitos e categorias importantes no estudo das emoções,

como o “trabalho emocional” e as “regras de sentimento”.

O estudo de Hochschild faz um importante alerta sobre como a apropriação das emoções de seus funcionários por parte das organizações podem afetar significativamente a qualidade de vida dos mesmos e podem causar desvios de personalidade, à medida que as pessoas precisam lidar com emoções distintas diariamente, relativas ao trabalho e à vida pessoal. Kempler (2016) analisou a relação das emoções com o status e o poder.

Le Breton (1998) a relação das emoções com a coesão organizacional. Há ainda os trabalhos que focam em emoções específicas, como o trabalho de Sauerbroon et al (2005), ao analisar a vergonha do consumidor no sistema de marketing.

Apesar da produção crescente de estudos sobre emoções dentro das organizações, o campo apresenta uma vasta área de possibilidades e a abordagem sobre o tema ainda é modesta. Se considerarmos o campo organizacional como sendo altamente institucional, enxergamos então uma lacuna que merece ser explorada.

Segundo Friedland (2018), há um reconhecimento crescente de que a emoção é parte integrante da institucionalização e desinstitucionalização, onde ela não apenas medeia a formação e a reprodução das instituições, mas as vezes é ela mesma a própria instituição. Caminhando nesta direção, estudos envolvendo a percepção individual da corrupção ainda são escassos (Marani, 2018; Dong et al, 2011).

Neste contexto, o estudo das emoções na análise da corrupção organizacional, que se mostra cada vez mais institucionalizada, pode propiciar passos importantes na busca por respostas sobre a operacionalização individual desta prática.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter exploratório, à medida que busca na literatura existente trabalhos que envolvam o tema corrupção associado ao estudo de emoções. A metodologia utilizada foi a revisão de escopo, pois segundo Arksey e O’Malley (2005), o principal objetivo do método consiste no mapeamento dos conceitos abordados, alcance e natureza da investigação, identificando as lacunas existentes na área. O método fornece uma análise estruturada para mapear um tema dentro da literatura existente de forma mais objetiva, abstendo-se de formas exaustivas de análise (Armstrong et al, 2012).

As bases de dados Jstor, Scopus, Scielo e Web of Science foram utilizadas para realizar a busca do objeto desta pesquisa. Foram descartados capítulos de livros, resenhas, e concentrada a pesquisa em artigos científicos, com o intuito de dar mais objetividade nos resultados encontrados.

Os critérios utilizados para a pesquisa foram os constantes na tabela 1.

As pesquisas iniciais concentraram-se apenas no título e nas palavras-chave. Entretanto, devido ao número baixo de resultados encontrados, expandimos os critérios para o Resumo e conteúdo do texto, de maneira a facilitar possíveis achados, mesmo que implícitos, da associação da prática da corrupção com emoções ou algum tipo específico de emoção.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca inicial nas bases de dados citadas no capítulo anterior resultou em 70 artigos encontrados, já utilizando todos os critérios de busca descritos na tabela 1. Os resultados concomitantes entre as bases de dados e/ou critérios de pesquisa selecionados foram descartados.

Tabela 1. Critérios de busca nas bases de dados selecionadas.

Critérios de Busca	Período	Base de Dados
Título (corrupção, emoções)	1996 a 2019	Portal de Periódicos Capes
Título (corrupção, emoção)		
Palavra Chave (corrupção, emoções)		
Palavra Chave (corrupção, emoção)		
Resumo (corrupção, emoções)		
Resumo (corrupção, emoção)		
Conteúdo do Texto (corrupção, emoções)		
Conteúdo do Texto (corrupção, emoção)		

Após a busca inicial, os 70 artigos encontrados foram listados e foi realizada uma análise prévia do resumo de cada artigo, com o objetivo de verificar se o tema e escopo do trabalho tinha relação com o objeto desta pesquisa. A análise resultou em 18 artigos validados com relação direta de pesquisa entre corrupção e emoções. Os demais trabalhos foram descartados, pois, mesmo que em alguns casos existisse o foco no estudo sobre corrupção ou emoções, não foi possível identificar uma relação direta de estudo entre os termos.

Dos artigos selecionados, verificamos que quase 90% deles foram produzidos nos últimos 5 anos. Isso evidencia que apesar dos temas terem décadas de existência dentro da academia, as pesquisas relacionando ambos os assuntos ainda são recentes.

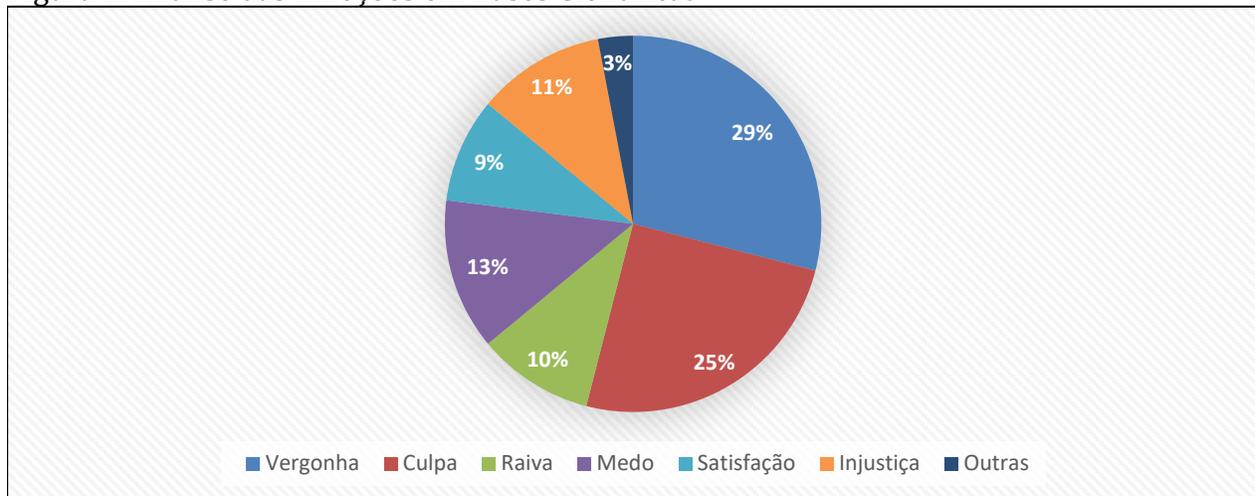
Verificamos uma variedade significativa de áreas de interesse no assunto, como Psicologia, Sociologia, Direito Criminal e Economia. Isso reforça o argumento de que a multidisciplinaridade pode contribuir para uma maior compreensão do tema, além de destacar a importância do mesmo nas mais diversas áreas de pesquisa.

Das emoções analisadas, mais de 50% das pesquisas trabalharam com vergonha/culpa, porém outras foram levantadas, como raiva, satisfação, injustiça, medo, entre outras. A maioria dos trabalhos associa a intensidade das chamadas “emoções morais” a uma

probabilidade de se praticar um ato corrupto. Das chamadas emoções morais, a vergonha e culpa aparecem em mais de 90% dos casos. Entretanto, os achados encontrados nestas pesquisas mostram resultados antagônicos. Abraham e Pea (2018) e Jaff et al (2015), por exemplo, reforçam que as emoções de culpa e de vergonha contribuem para a prevenção do ato corrupto, enquanto Cohen et al (2011) não encontraram relação entre a culpa e atos desviantes, além da vergonha apresentar divergências de resultado nas escalas medidas. Estas inconsistências mostram que há uma carência por estudos mais detalhados sobre o tema, com foco mais precisamente no indivíduo que pratica o ato.

Além das emoções morais, outra emoção que merece destaque nos trabalhos encontrados é o medo. Angarita (2019) relata que o medo, em virtude da coação, é uma emoção presente em servidores públicos colombianos que decidem praticar atos corruptos. Li et al (2015), relatou que o medo é diretamente proporcional a prática de atos corruptos. Além da emoção do medo, outros trabalhos, como os de Birch et al (2017) e Sanghera et al (2006) destacaram a raiva como alinhada a prática de atos corruptos. A injustiça também foi uma emoção associada a corrupção por Barsukova (2018). Os diversos trabalhos citados mostram que o campo ainda tem caminhos que precisam ser traçados ou melhor explorados, pois fica evidente que as chamadas emoções morais não explicam o fenômeno de forma clara e precisa.

Figura 1. Análise das Emoções em Bases Científicas



Outro ponto que merece destaque é a localização geográfica destas pesquisas, pois mais de 80% delas foram realizadas em países subdesenvolvidos e situados do lado oriental do globo, como Indonésia, Índia, Quirguistão, Lituânia, entre outros. Será que podemos associar os resultados aos países latino americanos? E os países desenvolvidos? Não cometem atos de corrupção ou sua prática é “insignificante”? É possível observar uma “preferência” por regiões mais institucionalmente conhecidas por atos corruptos. Uma análise comparativa entre práticas em países com situações econômicas e sociais distintas poderia levantar novas explicações para o fenômeno.

6 CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi identificar trabalhos envolvendo corrupção e emoções, avaliando o cenário acadêmico do tema. Foi possível identificar que o campo ainda é embrionário, tanto pelo recente interesse da academia em relacionar emoções com corrupção, quanto pelas inconsistências de resultados encontrados nas pesquisas. Apesar da concentração dos trabalhos na vergonha e culpa, a variação de emoções pesquisadas mostra que o leque não foi totalmente aberto. O campo carece de pesquisas

em áreas geográficas mais diversificadas, além de estudos mais focados no indivíduo que comete o ato corrupto. A tarefa é difícil, porém desafiadora, diante do problema que cada vez mais tem ocupado espaço na vida dos cidadãos de todo o mundo.

REFERÊNCIAS

- ANECHIARICO, Frank; JACOBS, James B. The pursuit of absolute integrity: How corruption control makes government ineffective. University of Chicago Press, 1998.
- ARMSTRONG, April W.; SCHUPP, Clayton; BEBO, Bruce. Psoriasis comorbidities: results from the National Psoriasis Foundation surveys 2003 to 2011. *Dermatology*, v. 225, n. 2, p. 121-126, 2012.
- BAGOZZI, Richard P.; GOPINATH, Mahesh; NYER, Prashanth U. The role of emotions in marketing. *Journal of the academy of marketing science*, v. 27, n. 2, p. 184-206, 1999.
- BREI, Zani Andrade. Corruption: causes, consequences, and solutions. *Revista de Administração Pública*, v. 30, n. 3, p. 103, 1996.
- CARDOSO, Carla Isabel Dias Cabrita; NUNES, Sandra Cristina Dias; ALVES, Maria Teresa

Venâncio Dores. Riscos de corrupção e infrações conexas: o caso dos institutos politécnicos públicos portugueses. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, v. 11, n. 24, p. 143-169, 2014.

CARVALHO, José M. de. Quem transgride o quê? In: CARDOSO, Fernando H.; MOREIRA, Marcílio M. (Coord.). *Cultura das transgressões no Brasil: lições da história*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 69-94.

DAVEL, Eduardo; MACHADO, Hilka Vier. A dinâmica entre liderança e identificação: sobre a influência consentida nas organizações contemporâneas. *Revista de Administração contemporânea*, v. 5, n. 3, p. 107-126, 2001.

DE GRAAF, Gjalit; HUBERTS, Leo WJC. Portraying the nature of corruption using an explorative case study design. *Public Administration Review*, v. 68, n. 4, p. 640-653, 2008.

DONG, Bin; DULLECK, Uwe; TORGLER, Benno. Conditional corruption. *Journal of Economic Psychology*, v. 33, n. 3, p. 609-627, 2012.

EPSTEIN, Seymour. The self-concept: A review and the proposal of an integrated theory of personality. *Personality: Basic aspects and current research*, v. 81132, 1980.

FERREIRA, Manuel Portugal et al. O efeito moderador da corrupção do país de origem sobre a capacidade do país receptor de atrair IED. *Brazilian Business Review*, v. 13, n. 4, p. 98, 2016.

FRIEDLAND, Roger. Moving institutional logics forward: Emotion and meaningful material practice. *Organization Studies*, v. 39, n. 4, p. 515-542, 2018.

FRIJDA, Nico H. Emotions and action. In: *Feelings and emotions: The Amsterdam symposium*. 2004. p. 158-173.

HOCHSCHILD, Arlie R. *The managed heart*. Berkeley. 1983.

HUANG, Ray. *Taxation and governmental finance in sixteenth-century Ming China*. Cambridge University Press, 1974.

HUSTED, Bryan W. Wealth, culture, and corruption. *Journal of international business studies*, v. 30, n. 2, p. 339-359, 1999.

JUDGE, William Q.; MCNATT, D. Brian; XU, Weichu. The antecedents and effects of national corruption: A meta-analysis. *Journal of World Business*, v. 46, n. 1, p. 93-103, 2011.

KEMPER, Theodore D. *Status, power and ritual interaction: A relational reading of Durkheim, Goffman and Collins*. Routledge, 2016.

KLITGAARD, Robert. *A corrupção sob controle*. J. Zahar, 1994.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. *Sociedade e Estado*, v. 29, p. 841-866, 2014.

LE BRETON, David. *Sociologie des émotions: critique de la raison darwinienne*. *Recherches sociologiques*, v. 29, p. 37-54, 1998.

LEE, Wang-Sheng; GUVEN, Cahit. Engaging in corruption: The influence of cultural values and contagion effects at the microlevel. *Journal of Economic Psychology*, v. 39, p. 287-300, 2013.

LEWIS, Michael et al. *Handbook of emotions*. 2001.

MACHADO, Hilka Vier. A abordagem das emoções no âmbito das organizações. *Revista Alcance*, v. 10, n. 1 (Jan-Abr), p. 011-035, 2009.

MARANI, Sílvio César Zákha et al. Os sentidos da pesquisa sobre corrupção. *Revista de Administração Pública*, v. 52, n. 4, p. 712-730, 2018.

MÉON, Pierre-Guillaume; WEILL, Laurent. Is corruption an efficient grease?. *World development*, v. 38, n. 3, p. 244-259, 2010.

MIARI, Renata Crosara; DE MESQUITA, José Marcos Carvalho; PARDINI, Daniel Jardim. *Eficiência de Mercado e Corrupção Organizacional: Estudo dos Impactos Sobre o Valor dos Acionistas*. *Brazilian Business Review*, p. 1, 2015.

MISHRA, Ajit. Persistence of corruption: some theoretical perspectives. *World Development*, v. 34, n. 2, p. 349-358, 2006.

PINTO, Céli R. J. A banalidade da corrupção: uma forma de governar o Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ROMAN, Alexandru V.; MILLER, Hugh T. Building social cohesion: Family, friends, and corruption. *Administration & Society*, v. 46, n. 7, p. 775-795, 2014.

RUSSELL, J.; LEMAY, G. Emotion Concepts. *Handbook of Emotion*. MH-J. Lewis, M. New York. 2000.

SANTOS, Widmila Mesquita. *Corrupção e seus Reflexos na Economia*. 2013.

SAUERBRONN, João Felipe Rammelt; AYROSA, Eduardo André Teixeira; BARROS, Denise Franca. O consumidor envergonhado: reflexões sobre o sentimento de vergonha no marketing. *Cadernos EBAPE. BR*, v. 3, n. 2, p. 01-11, 2005.

TORSELLO, Davide; VENARD, Bertrand. The anthropology of corruption. *Journal of management inquiry*, v. 25, n. 1, p. 34-54, 2016.

WILLIAMS, Robert. The new politics of corruption. *Third World Quarterly*, v. 20, n. 3, p. 487-489, 1999.